

Ano II — N. 9
(Mar 60)

Coordenador: Major OCTAVIO TOSTA
da Seção de Geografia e História do EME

SUMÁRIO DA SEÇÃO

I — DOUTRINA

“A Geopolítica no Brasil (concl. do n. ant.) — OCTAVIO TOSTA,
Maj.

II — ESTUDOS E ENSAIOS

“Oriente-Médio — Punctum Dolens da Geopolítica Mundial” —
(concl. do n. ant.): 6. “Importância Estratégica do Oriente-
Médio” — CARLOS DE MEIRA MATTOS, Ten-Cel.

III — ARTIGO ESTRANGEIRO

“Geopolítica e Geoestratégia” (1ª Parte) — LEPOTIER, Contra-
-Almirante (Trad. da “Revue de Defense Nationale”, França,
p. Osvaldo Oliveira Santos, 2º Sgt).

A **BIBLIOTECA DO EXÉRCITO** já publicou as seguintes obras sôbre **GEOPOLÍTICA**:

- 1) **GEOPOLÍTICA DO BRASIL** — 1947 — Brigadeiro Lísias Rodrigues (Esat).
- 2) **A GEOGRAFIA NA POLÍTICA EXTERNA** -- 1951 — Ten-Cel Jaime Ribeiro da Graça.
- 3) **PROBLEMAS DO BRASIL** — 1952 — Cel Adalardo Fialho.
- 4) **GEOPOLÍTICA GERAL E DO BRASIL** — 1952 — Everardo Backheuser.
- 5) **FRONTEIRA EM MARCHA** — 1956 — Renato de Mendonça.
- 6) **ASPECTOS GEOPOLÍTICOS DO BRASIL** — 1957 — Ten-Cel Golbery do Couto e Silva.

As declarações expressas nos artigos da **SEÇÃO DE GEOPOLÍTICA** são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores e não implicam no endôso oficial às opiniões ali contidas.

A matéria divulgada na **SEÇÃO** pode ser reproduzida em livros, jornais ou revistas, exceto quando sejam expressamente reservados os respectivos direitos. As transcrições deverão consignar a fonte e, no caso de artigos assinados, deve ser referido sempre o nome do autor.

Solicitamos dois exemplares da publicação que transcrever matéria da **SEÇÃO DE GEOPOLÍTICA**. A correspondência deve ser endereçada ao Major Octavio Tosta — “A Defesa Nacional” — Ministério da Guerra — Rio de Janeiro, Brasil.

I — DOCTRINA

A GEOPOLÍTICA NO BRASIL

Major OCTÁVIO TOSTA

2ª PARTE

(Conclusão do número anterior)

III — ENSINO

Os primeiros estudos sistemáticos de Geopolítica no Brasil foram os cursos ministrados por Everardo Backheuser no Instituto Rio Branco durante os anos de 1944 e 1945; no Instituto Cultural Brasileiro em 1947-1948; e na Pontifícia Universidade Católica que criou, em 1948, a cadeira de Geopolítica no seu Instituto de Direito Comparado.

O programa da Cadeira de Geopolítica do Instituto de Direito Comparado da referida Pontifícia Universidade Católica compunha-se de uma *Introdução* (Teoria Geral do Estado e Geopolítica; Histórico e conceito da Geopolítica; Divisão da *Política* segundo Kjellén e subdivisões da Geopolítica); uma 1ª parte dedicada à *Morfologia* (influência nas diretrizes políticas do Estado, da *forma* e *extensão* do território); uma 2ª parte dedicada à *Fisiopolítica* (influência nas diretrizes políticas do Estado resultantes do *domínio*, isto é, do "conteúdo" do território); e uma 3ª parte referente à *Topopolítica* (influência nas diretrizes políticas do Estado resultantes da *situação geográfica*).

A Escola de Comando e Estado-Maior do Exército tem contado com diversos conferencistas de Geopolítica, destacando-se o Coronel Jayme Ribeiro da Graça, o Professor Jorge Zarur, o Tenente-Coronel Mozart de Andrade Souza e o Tenente-Coronel Oswaldo Ferraro de Carvalho. No ano de 1958 o Coronel Golbery do Couto e Silva e o Major Octávio Tosta apresentaram nessa Escola um pequeno curso de Geopolítica, compreendendo as seguintes partes: 1. *Geopolítica e Geoestratégia* (Cel Golbery); 2. *Teorias Geopolíticas* (Maj Tosta); 3. *Aspectos Geopolíticos Fundamentais do Brasil* (Cel Golbery); 4. *Valor Geopolítico do soldado bra-*

sileiro (Maj Tosta). No ano seguinte (1959) foi apresentado pelo Major Tosta, na citada escola, um pequeno curso de Geopolítica do Brasil contendo as seguintes partes e tópicos: 1ª Parte — Generalidades (1. *Conceituação de Geopolítica e Geoestratégia*; 2. *Teorias Geopolíticas*; 3. *Fundamentos do Poder Nacional*). 2ª Parte — Geopolítica do Brasil (1. *A Conquista do Espaço*; 2. *Elementos do Poder Nacional*; 3. *Áreas Estratégicas*; 4. *Projeção Continental do Brasil*; 5. *Projeção Mundial do Brasil*).

Já é bem grande o número de conferencistas de Geopolítica no Brasil. Dentre os mais destacados podemos citar o Professor Delgado de Carvalho que tem realizado diversas conferências, inclusive em Pôrto Alegre; o Coronel Adalardo Fialho (na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais); o Coronel J.B. Magalhães (na Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica); o Tenente-Coronel Oswaldo Ferraro (para a oficialidade da Polícia Militar do Distrito Federal); o General Djalma Polly Coelho (na Diretoria do Serviço Geográfico); o Brigadeiro Lysias Rodrigues (no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e no Instituto Brasileiro de Geopolítica); o Tenente-Coronel Diderot Miranda (no 4º RI); o Coronel Golbery do Couto e Silva (para a oficialidade da Guarnição Militar de Belo Horizonte); o Major Waldir da Costa Godolphim (para a oficialidade da Guarnição Militar de Juiz de Fora); o Tenente-Coronel Sílvio Couto Coelho da Frota (para a oficialidade da Polícia Militar do D. Federal); o Professor Alberto Wanderley (na Faculdade de Ciências Econômicas de Minas Gerais), etc. Na Escola Superior de Guerra, têm sido apresentados brilhantes conferencistas, como o Marechal Mario Travassos; o Deputado Lima Figueiredo; o Brigadeiro João Mendes da Silva; o Coronel Golbery do Couto e Silva, o Professor Fábio de Macedo Soares Guimarães e o Professor Miguel Alves de Lima, etc.

O ensino de Geopolítica no Exército abrangerá as três escolas básicas: Academia Militar das Agulhas Negras, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

O programa referente à AMAN entrou em vigor no presente ano. Compreende informações sobre os principais problemas políticos e econômicos no quadro mundial, além de algumas noções sobre Geopolítica.

Para a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais está previsto o estudo de problemas geopolíticos da América do Sul. Finalmente, na ECEME estão sendo estudados os princípios que devem orientar uma Geopolítica do Brasil.

IV — O INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOPOLÍTICA

O Instituto Brasileiro de Geopolítica foi fundado a 28 de maio de 1949 pelo Brigadeiro-do-Ar Lysias Augusto Rodrigues. Essa sociedade de altos estudos tem por escopo "o estudo dos problemas geopolíticos, o progresso e a divulgação da geopolítica no Brasil".

O Instituto já realizou memoráveis campanhas em defesa de interesses nacionais. A mais brihante foi, sem dúvida, a de oposição ao projeto do "Instituto Internacional da Hiléia Amazônica". Dentre outras, destacam-se: a campanha pró-preservação das nossas riquezas minerais (particularmente dos minerais estratégicos) e a campanha a favor da criação do Conselho de Pesquisas Científicas.

O General Ary Silveira, um dos idealizadores dêsse centro de altos estudos, é o seu atual presidente.

V — CONCLUSÕES

O Brasil foi, certamente, o terceiro país do mundo a aceitar a Geopolítica na acepção usada por Rudolf Kjellén. Esse novo ramo de conhecimentos encontrou inicialmente, entre nós, sérios opositores. Alguns classificaram-no de "doutrina perigosa", "imperialista" ou "condenável". Todavia, a evidência dos conceitos emitidos pela Geopolítica e a receptividade que a mesma passou a ter nas classes intelectuais do país tornaram-na vitoriosa de modo indiscutível.

Atualmente, destacadas autoridades das mais variadas profissões, como políticos, diplomatas, professores, militares, engenheiros, economistas, industriais, bem como muitas das personalidades cujas atividades estão ligadas à Segurança Nacional já reconhecem que só em um verdadeiro quadro geopolítico é possível estruturar o real e permanente engrandecimento nacional.

POPULAÇÕES E PODER

Através da História, nenhuma nação alcançou poderio sem uma população relativamente grande. O aparecimento da Alemanha e do Império Britânico coincidiu com seus índices de natalidade. As imensas reservas de mão-de-obra da União Soviética têm sido um fator decisivo na sua ascensão até onde hoje se acha. Além disso, o declínio da população tem resultado sempre em um decréscimo do poder.

Uma grande população, no entanto não é em si uma garantia absoluta de poder. Sem recursos naturais, técnica industrial e unidade nacional, a mão-de-obra não pode tornar-se eficiente militarmente. De fato, uma grande população deficiente em qualquer dêsses elementos vitais de produtividade pode elevar-se a uma posição de poder senão com grande dificuldade, se o fizer. As centenas de milhões de pessoas no subcontinente da Índia não são certamente um poder ativo no presente.

"Fundamentos Geográficos do Poder Nacional" (Departament of the Army Pamphlet, Jul 51).

RECURSOS NATURAIS E PODER NACIONAL

Grandes recursos naturais e suprimentos de matérias-primas são indispensáveis para o poder político e militar. O recurso natural mais importante é o solo produtivo. Cultivando-o, o homem obtém os produtos vegetais e animais que o alimentam e fornecem muito de seu vestuário, habitação e utensílios. O livre acesso às extensas áreas de solo fértil tem sido quase sempre um requisito de poder. Uma nação sem solo fértil, clima e fertilizante para incentivar sua produtividade dificilmente pode esperar manter suficientemente uma grande população.

A importância dos minerais só foi plenamente considerada nos tempos modernos. Nos dias em que os meios de transporte eram movidos por animais, pelo vento e pelo braço humano, e o povo fazia o que necessitava sem o auxílio de máquinas, uma grande população e um solo fértil eram o único recurso natural julgado necessário para uma grande nação. Hoje, com as máquinas à disposição, pela utilização de recursos minerais que produzem quase tudo de que nós servimos, exceto alimento (e mesmo alguns), o controle dos minerais é um requisito vital para o poder nacional. Progredimos tecnologicamente a tal ponto que dificilmente existe um mineral a ser encontrado que não seja útil, mas enquanto alguns desses são vitais para uma nação, a falta de outros pode ser compensada de vários modos. A experiência tem demonstrado que todos os minerais a seguir enumerados são indispensáveis à guerra moderna: carvão, ferro, petróleo, cobre, chumbo, magnésio, enxofre, zinco, alumínio, níquel e estanho. Esta lista não inclui o urânio e os outros elementos necessários à desintegração da energia atômica, mas esses serão tratados separadamente. Dos onze minerais relacionados, o carvão, o ferro e o petróleo não somente têm a mais alta importância militar, mas são os maiores contribuintes para o potencial de um país.

“Fundamentos Geográficos do Poder Nacional” (Obra citada).

II — ESTUDOS E ENSAIOS

ORIENTE-MÉDIO — "PUNCTUM-DOLENS" DA GEOPOLÍTICA MUNDIAL

Ten-Cel CARLOS DE MEIRA MATTOS

6. IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DO ORIENTE-MÉDIO

A importância estratégica do Oriente-Médio advém de três fatores principais:

- sua posição de encruzilhada de comunicações mundiais, através do Canal de Suez — Mar Vermelho;
- a imensa riqueza petrolífera contida em seu subsolo;
- sua posição de verdadeiro subcontinente intermediário entre a Rússia e as democracias ocidentais.

Desde os tempos em que os impérios puderam arrojarem-se a grandes distâncias, que as áreas de passagem obrigatória, ou as rotas encurtadoras de itinerários, começaram a ter grande importância estratégica. O Oriente-Médio, centenas de anos antes da construção do Canal de Suez, já foi objeto de guerras locais, entre egípcios, turcos, armênios, persas, fenícios, pela conquista "da rota das especiarias" por onde se fazia o comércio entre o Mediterrâneo e a Índia e China.

Hoje, pelo Canal de Suez, transita o maior volume de comércio entre o Ocidente e a Índia, Sudeste Asiático e Extremo Oriente.

Grande parte da produção petrolífera da região do Golfo Pérsico atinge o mercado de consumo da Europa por essa via. O bloqueio do Canal de Suez pelos egípcios, em 1956, provocou tamanho desajuste no mercado mundial do petróleo que as repercussões econômicas se fizeram sentir até no nosso país. Para bem se avaliar a importância do Canal de Suez como via de comunicação mundial basta se dizer que por ali transita o maior volume de tráfego marítimo do Hemisfério Norte, Hemisfério que, por sua vez, figura como detentor de 4/5 do tráfego marítimo mundial.

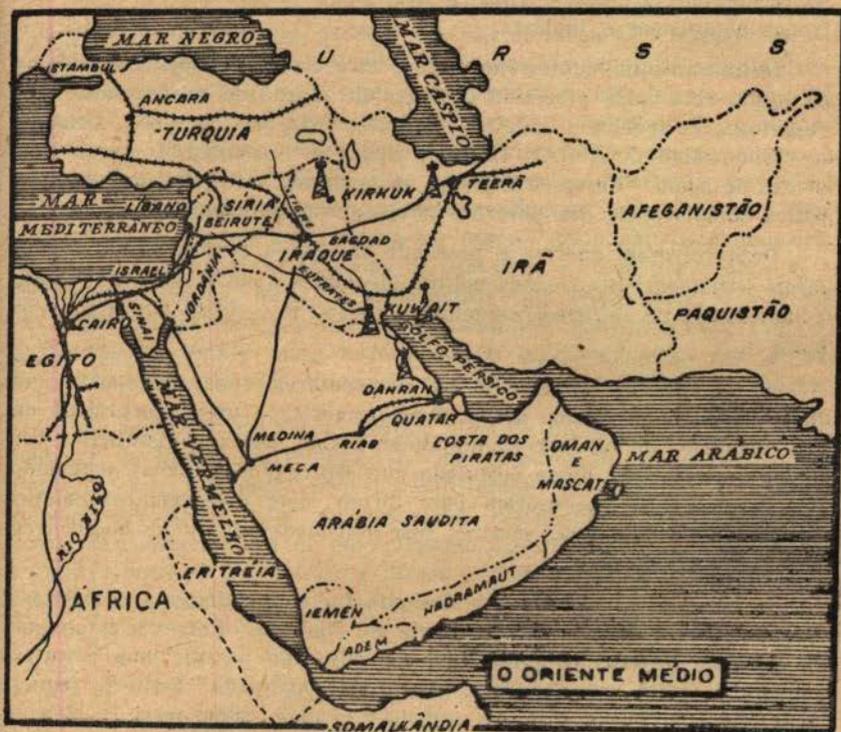
Do ponto de vista estratégico-militar, encurtando, sobremaneira, a rota entre a Europa Ocidental e os países do Oceano Índico e Pacífico, pode-se bem avaliar o valor que representa a posse e o controle dessa via para os movimentos estratégicos das esquadras e transportes de tropas e para a logística das operações de âmbito mundial.

No tocante à riqueza petrolífera encerrada no subsolo dos países da península arábica, no Irão e Iraque, esta, por si só, seria bastante para emprestar excepcional valorização estratégica a essa região. O petróleo, ninguém mais pode ignorar, é o elemento vital do poder militar. Sem ele não movimenta o carro de combate, não voa o avião, não navega o navio, não atira o canhão, não sobe o foguete. Na 2ª Guerra Mundial os planejadores estratégicos aliados deram alta prioridade à destruição, em curto prazo, do sistema de produção, refinação e distribuição do petróleo da Alemanha, Itália e Japão. A realização desse objetivo teve uma grande influência na derrota final das potências do Eixo. Depois da 2ª Guerra Mundial, com o incremento sempre crescente da motorização e mecanização dos Exércitos, a estratégia do petróleo adquiriu importância ainda muito mais decisiva.

Como área intermediária, entre dois mundos em choque, com seus povos vivendo um sistema social quase feudal, mas integrados na coletividade espiritualista ocidental e, ao mesmo tempo, em contato direto com as fronteiras do materialismo dialético, o Oriente-Médio teria que ser, como o é, uma zona de atritos, de fricções, de entrechoques de interesses. Ali, em que pese o espírito religioso, predominante, de elevado conteúdo espiritualista, existe uma "porta aberta" para a infiltração das idéias comunistas — o estado de miserabilidade das grandes massas de "felahs" e beduínos, secularmente explorados pelos xeques, príncipes, sultões, califas e toda uma variada hierarquia de proprietários de enormes latifúndios e que conservam a tradição do fausto e do luxo à custa do trabalho quase escravo de seus súditos. (O velho rei Ibn Saud, pai do atual rei da Arábia Saudita, quando viajava de Reid para Meda ou Medina, ou vice-versa, era acompanhado de uma frota de 30 "cadillacs" do último tipo, transportando suas odaliscas).

Esses três fatores estratégicos fundamentais — posição de encruzilhada de comunicações, riqueza petrolífera e subcontinente intermediário — transforma o Oriente-Médio em objetivo sempre visado pela potência ou grupo de potências que pretenda ou dominar o globo, ou conservar a iniciativa e a liberdade de movimentos no âmbito mundial.

A Rússia, desde os recuados tempos de Pedro Grande, aspirou possuir um pulmão nos "mares quentes", controlando a região dos estreitos de Dardanelos ou Bósforo ou, na pior hipótese, conseguindo um pedaço de litoral na Turquia, Síria ou no Líbano. A Rússia estêve a ponto de obter esse seu sonho secular em 1918, quando com a derrota da Alemanha e sua aliada a Turquia, esse seu desejo teria sido satisfeito, não tivesse ela se retirado da aliança, em 1917, por força da Revolução Socialista.



A Inglaterra, até o término da 2ª Guerra Mundial, teve o controle absoluto dessa importante área, dividindo parte de suas responsabilidades com a França. A Liga Árabe, criada em 1945, iniciou uma campanha sistemática em todos os países do Oriente-Médio contra o "colonialismo inglês". Pouco a pouco, como vimos anteriormente, foi a Grã-Bretanha perdendo posição. Os Estados Unidos procuraram manter ali o prestígio ocidental, substituindo a desgastada "Albion". As últimas tentativas de arregimentação dos povos árabes a favor do Ocidente, através da Doutrina Eisenhower, fracassaram rotundamente. Os dois aliados conquistados pelos Estados Unidos, o rei Ibn Saud, da Arábia Saudita e o Presidente Chamoun do Líbano, o primeiro foi obrigado a licenciar-se por tempo indeterminado, entregando as responsabilidades do governo ao Príncipe Feiçal, amigo de Nasser, e o Presidente Chamoun, após enfrentar "um rosário" de conspirações e insurreições pró-Nasser, entregou o governo ao novo Presidente eleito, o General Fuad Chehab. A ordem de Nasser era aderir à doutrina do "neutralismo positivo" e quem assim não o fez teve ameaçada sua sobrevivência. O rei Feiçal e o príncipe Abdul Ilah do Iraque foram barbaramente assassinados porque não acreditaram nessa Doutrina e se mantiveram favoráveis ao Ocidente; Chamoun, no Líbano e o rei Hussein, da Jordânia,

só escaparam do mesmo risco porque apelaram para a proteção das tropas americanas e inglesas.

Insidiosamente, subterrâneamente, através da conquista ideológica, da ajuda econômica oferecida com grande alarde de propaganda, e da exportação de técnica e dialética revolucionárias, Moscou tentou firmar-se no Oriente-Médio. A RAU (Egito e Síria) e o Afeganistão foram seus pontos de apoio. Nesses três países encontraram os comunistas uma simpática complacência dos governos para agirem livremente.

Desenvolveram enorme e profunda campanha antiocidental e difundiram largamente propaganda político-ideológica. Com o recuo de Nasser, o movimento de infiltração comunista passou a se fazer em ritmo mais lento.

Os agentes de Moscou foram os mentores e os planejadores da dialética do nacionalismo árabe. Transformaram o ideal pan-árabico em sua "bandeira de luta", confundindo-se, assim, com os autênticos e verdadeiros defensores desse postulado que são os povos árabes, ganhando-lhes a confiança que usaram para dirigir, com uma técnica dialética revolucionária de que são mestres, esse movimento aos rumos que convém aos interesses de Moscou.

À guisa de conclusão, diremos que tudo que vimos, nos mostra o Oriente-Médio como um subcontinente em ebulição. Enfrenta as atrações da ambição de dois poderosos pólos rivais, sem possuir uma estrutura política e social que lhe dê coesão e personalidade. Sente-se juguete fácil dessas ambições e deseja organizar-se para poder resistir. Seu esforço de organização e personificação está traduzido nos princípios de nacionalismo pan-árabico.

Não podemos nós, povos americanos, que há 140 anos passados vivemos o mesmo problema aqui no Continente, negar legitimidade e simpatia ao sentimento pan-árabico.

O erro do Ocidente, a nosso ver, foi combater esse nacionalismo, desconhecendo a substância religiosa, tradicional, que lhe dá autenticidade e força. Assim procedendo, permitiu o Ocidente que a Rússia, hábilmente, se transformasse em paladina desse movimento.

Hoje, deseja o governo de Washington apoiar esse movimento idealista e de autodefesa dos países árabes, reparando assim os tremendos equívocos da diplomacia inglesa, mas encontra os seus esforços obstruídos por Moscou que, usando ora Nasser, ora Kassem, tôda sorte de "booby traps" no caminho de uma aproximação franca e leal dos Estados Unidos com o mundo árabe.

Entretanto, a nosso ver, não há outro caminho para a diplomacia ocidental, senão o de esquecer os erros do passado, aceitar a legitimidade dos ideais pan-árabicos, procurar "esvaziar o nacionalismo pan-árabico dos ingredientes marxistas que o tornam perigoso, repô-lo no quadro de sua autenticidade espiritualista e social.

Uma federação de nações árabes prósperas e progressistas, fortalecida pela revalidação dos padrões autênticos da cultura maometana — religião, espiritualidade, arraigado sentimento de família — estimulada pela melhor distribuição do capital e aperfeiçoamento dos processos de trabalho, não será, como hoje, um aglomerado tumultuário de pequenos interesses e ambições mesquinhas, a serviço de ditadores audaciosos e agitadores profissionais. Será, sim, uma parcela importante do globo, importante por suas tradições milenares, por sua posição chave e por suas riquezas, parcela incorporada ao mundo espiritualista e democrático, porque, as páginas sagradas do Alcorão, ensinam espiritualismo e democracia, porque, Meca, a cidade-santa dos cuçulmanos, é um sol de irradiação da espiritualidade e fraternidade, porque, afinal, não encontramos em toda a fonte inspiradora do islamismo, nada que se pareça com o materialismo filosófico, frio e desumano de Marx e Engels.

Uma federação de nações árabes, além de um ideal dos povos maometanos de língua árabe, deve ser um objetivo político-estratégico do Ocidente. Sua realização poderia transformar essa área de atritos e fricções explosivas, num subcontinente intermediário, personificado e coeso, de compreensão e de entendimento, amortecedor dos choques e rivalidades entre o Ocidente e a Rússia — um verdadeiro subcontinente tampão, do ponto de vista estratégico.

TENDÊNCIAS DE POPULAÇÃO

As tendências de população têm sido sempre de interesse dos estadistas e estudiosos do poder nacional, mas durante os últimos vinte e cinco anos este assunto tem-se constituído objeto de estudo cada vez mais intenso. O desencadeamento da guerra moderna exige um grande número de pessoas, não somente em uniforme mas nos campos de batalha e nas fábricas, pois requer uma imensa população, habilitada em métodos de produção em massa para equipar e suprir um grande exército. Por esta razão, os chefes militares devem estar cientes das tendências da população dos seus e dos outros países.

MÉDIA LÍQUIDA DE REPRODUÇÃO

As tendências atuais de população são índices das situações de poder do futuro. Dadas as estatísticas vitais convenientes, os estudiosos do assunto população são capazes de determinar para cada país uma "média líquida de reprodução", que indique a proporção dos nascimentos atuais para os nascimentos que seriam necessários para manter a população em um nível estático. A menos que um número suficiente de crianças venha a nascer da nova geração em potencial, a fim de substituir aquela geração, a natalidade sofrerá um declínio. Se o declínio continuar, o número de mortes eventualmente excederá o número de nascimentos, e começará um declínio real da população total. Finalmente, em teoria, a população extinguir-se-á. A "média líquida de reprodução" não leva em conta a imigração ou a emigração, e supõe-se que a mortalidade e as médias de nascimento para diferentes grupos de idade permanecerão constantes. Não leva em conta, também, influências modificadoras possíveis, como alterações políticas, econômicas e sociais. Dentro dessas limitações, contudo, é uma valiosa orientação no caminho do futuro.

A população do mundo não está em declínio. A URSS, o sul e o sudoeste europeu, e a Índia estão aumentando rapidamente. Suas médias de reprodução estão crescendo, e suas médias de mortalidade diminuem. As populações da maioria das nações do noroeste da Europa, por outro lado, estão em nível descendente. Somente a Irlanda e os Países Baixos podem ostentar u'a média de reprodução líquida acima de 1.00. Antes da Segunda Guerra Mundial, a média na Inglaterra e no País de Gales era de 0.78. A Média de natalidade na França tem estado em descendência desde 1935, quando o número de mortes começou a exceder o número de nascimentos, e os percalços e as privações da guerra fortaleceram a crença de que o declínio de população da França pode continuar. Em comparação com a situação da França, a perspectiva de população nos Estados Unidos apresenta-se animadora, mas realmente parecemos — em um grau muito menor — estar seguindo o padrão dos países do ocidente europeu. Estamos ainda em muito melhor situação do que a Inglaterra, a França, mas estaremos em breve bastante atrás das potências do Leste em crescimento. Conquanto seja muito improvável que nossa geração presencie um declínio real da população dos Estados Unidos, os sinais de perigo existem.

III — ARTIGO ESTRANGEIRO

GEOPOLÍTICA E GEOESTRATÉGIA

Contra-Almirante LEPOTIER

(Traduzido da "REVUE DE DEFENSE NATIONALE", França de Fev 58 pelo Sgt Osvaldo Oliveira Santos)

Naqueles dias sombrios de junho de 1940, nos muros das cidades da França, encontrava-se um cartaz afixado, sem dúvida alguma, pelo serviço oficial de ação psicológica. Representava êle um "mappa mundi" com a Alemanha em preto e os territórios da União Francesa e da Comunidade Britânica em vermelho, e sua legenda dizia: "Ganharemos a guerra porque somos os mais fortes".

Mais tarde, com o desenrolar dos acontecimentos, essa divisa psicológica assumiu um caráter de pungente ironia, no qual não se podia deixar de pensar, quando o novo chefe de governo declarava: "Abomino essas ilusões que nos têm feito tanto mal ..." e acrescentava: "Voltemo-nos para os tempos de nossos antepassados, êles não nos iludem ..." Simultaneamente, outra voz francesa, além da Mancha, lançava um apêlo que se tornou histórico, pois uma passagem nos lembrava o cartaz geoestratégico em questão quando profetizava: "Existem forças imensas no mundo ... Que ainda não entraram em ação... Um dia essas forças concentrar-se-ão e obterão a vitória..." O que se realizaria quatro anos mais tarde! Êsse "caso concreto" demonstra o perigo da supersimplificação geopolítica e geoestratégica numa época em que os problemas mundiais — e em particular os de Política e de Estratégia tornam-se de complexidade cada vez maior!

A geografia geral de nosso planêta sempre constituiu um fator fundamental da Política e da Estratégia; porém, apesar dos líderes bem conhecidos que as têm ligado sempre, o diplomata e o militar de outrora olhavam os mapas sob ângulos particulares e diferentes. O primeiro interessava-se inicialmente pelas delimitações territoriais de soberania, para as quais tornava-se obrigatório possuir meios para os traçados representativos nas cartas. Os traçados se baseavam, quer nos acidentes geográficos tais como litorais, rios ou cristas de montanhas, quer nas linhas artificiais de meridianos ou paralelos.

A êste respeito, a primeira e a mais extensa delimitação geopolítica parece ter sido a definida em 1493 pelo papa Alexandre VI, em sua "Bula de Demarcação", dividindo as áreas inexploradas de tôda a

Terra entre Espanha e Portugal, de um lado e do outro do meridiano traçado a 370 léguas a oeste dos Açores (seja aproximadamente o meridiano 47° WG atual). Essa decisão foi a origem de muitas guerras seja entre os beneficiários, seja entre estes e os Estados marítimos pretendentes (Inglaterra, França e posteriormente a Holanda).

O crescimento das colônias litorâneas para o interior dos continentes se fez, principalmente na América do Norte e na Austrália, seguindo os paralelos e meridianos, como é a fronteira entre os Estados Unidos e o Canadá no paralelo 49°, dos Grandes Lagos ao Pacífico, e o meridiano de 141° WG, entre o Canadá e o Alasca, fixado pelos acordos anglo-russos de 1825.

Em 1907, o senador canadense Poirier lançou a teoria dos setores compreendidos entre os meridianos extremos dos países limítrofes, para a devolução de terras polares, e esta teoria foi aplicada concretamente pela URSS, em decreto de 15 de abril de 1926, declarando terras russas as ilhas do Ártico compreendidas entre os meridianos 32° EG e 169° WG. Mais recentemente, essa geopolítica de delimitações nos propiciou a famosa cortina de ferro na Europa e o paralelo 38° na Coreia e 17° na Indochina, além da linha litigiosa do armistício Israel-Árabe, de 1948.

Por sua vez, o estrategista, por muito tempo, tem considerado a geografia unicamente sob o ângulo das possibilidades de deslocamento de exércitos e sob o da utilização dos acidentes geográficos para a manobra para o objetivo, pois que, na sua definição clássica — a Estratégia tem por fim conduzir as forças ao contacto com o inimigo, nas condições mais favoráveis.

Durante longo tempo, a política e a estratégia se interessaram, pois, quase exclusivamente pela Geografia Física de nosso planeta: distribuição de terras e mares, posições relativas e superfícies comparadas de diversos estados, hidrografia, topografia, climatologia, etc. Entretanto, o considerável desenvolvimento humano assim como os meios criados para multiplicar tôdas as atividades, impõem-nos hoje em dia outros fatores geográficos, infinitamente mais difíceis de analisar e mais variáveis, que interferem nos problemas políticos e estratégicos, tornando-os mais estreitamente interdependentes do que no passado. A geografia física continua a ser a infraestrutura do conjunto mas, nesta posição, é preciso, doravante, acompanhar a evolução dos fatores da atividade humana: recursos alimentares, depósitos de matérias primas minerais, fontes de energia, desenvolvimento industrial, áreas de produção e de consumo, diversos meios de transporte e de telecomunicações e potenciais militares existentes. O mapa geopsicológico de 1940, que não representava senão uma simples comparação das superfícies controladas pelos dois adversários, era falho de início, pois que, o Saara, por exemplo, sendo muito mais extenso do que a Alemanha, não representava senão um potencial militar nulo, exatamente na ocasião em que só interessavam os potenciais militares imediatamente utilizáveis na frente de contacto.

Por outro lado, do ponto de vista psicológico, tal interpretação simplista era completamente ilusória porquanto afirmava-se que a diferença "esmagadora" das "superfícies" era suficiente para garantir a vitória. Mais recentemente evidenciou-se que se teria cometido o mesmo erro avaliando as forças respectivas de Israel e dos Estados Árabes conforme a comparação de suas superfícies geográficas.

PAPEL POLÍTICO E ESTRATÉGICO DA GEOGRAFIA HUMANA

O mais importante fator geopolítico e geoestratégico atual é talvez a evolução demográfica, psicológica e tecnológica das coletividades humanas.

As últimas estatísticas revelam a amplitude da pressão demográfica no mundo. Enquanto a população total da terra era calculada em menos de 500 milhões de indivíduos em 1650, atingiu hoje dois bilhões e 800 milhões, tendo um acréscimo de cerca de 40 milhões anualmente.

Sobre uma superfície quase imutável de terras emersas e uma parte de difícil expansão de solo fértil, um tal aumento de consumidores tem conseqüências políticas e estratégicas tanto mais graves quanto este superpovoamento é distribuído de modo desigual.

Tivemos a dura experiência na Argélia, mas a situação na Índia, na China e no Japão é ainda mais angustiante. Os planos de "transformação da natureza" destinados a aumentar as áreas cultiváveis e as de possível industrialização parecem não poder resolver o problema em ritmo satisfatório. Parece-nos então que seria necessário encarar cedo ou tarde, o controle dos nascimentos; mas será tão difícil de realizar quanto o de desarmamento, visto como a vitalidade demográfica é considerada, com justiça, elemento do potencial militar e econômico. É neste sentido que nossas leis sociais têm-na incentivado e que M. Krouchtchev a estimula na URSS. Entretanto, o superpovoamento pode servir de argumento e reivindicações "de espaços vitais" como aconteceu não há muito.

As estatísticas numéricas das populações dos diferentes países não são suficientes para caracterizar seu potencial humano. É preciso conhecer, além disso, a distribuição dos indivíduos por idades, sexos e profissões, por centros de população, o valor científico e técnico do conjunto, sua capacidade de criar e fabricar os materiais modernos, o rendimento do trabalho, o comportamento psicológico das massas com respeito aos problemas sociais e às doutrinas políticas, a permeabilidade às ações psicológicas, a resistência às agruras da guerra, a coragem militar.

Uma experiência recente demonstrou, mais uma vez, que os insultos, os brados de guerra e mesmo um armamento importado não são suficientes para assegurar o valor de certos exércitos. As pequenas nações recentemente emancipadas, compreenderão brevemente que a proporção de sábios, de engenheiros criadores e realizadores, de operários especializados conscienciosos, de organizadores competentes e in-

tegros, é mais útil ao desenvolvimento de sua autonomia real que a dos tribunos, dos advogados, dos funcionários honoríficos e dos cronistas reivindicadores.

Outro fator a considerar na situação geopolítica é o progresso de expansão da humanidade através do arquipélago mundial como origem do velho mundo eurasiático, ilha central e principal das terras emersas — *World Island* ou *Heartland* dos geopolíticos Mackinder e Haushofer.

As migrações que vieram da parte central da Ásia dirigiram-se para as penínsulas férteis e temperadas do Oeste, do Sul e do Sudeste notadamente para a Europa e para a Ásia das monções, em virtude da facilidade dos percursos e dos transportes fluviais, da fertilidade dos solos e da amenidade do clima marítimo.

O ambiente de vida fácil às margens do Mediterrâneo, aliviado enfim o nômade da luta cotidiana pela subsistência elementar, permitiu aos mais dotados consagrarem-se às ciências, às técnicas e às artes, aperfeiçoando notadamente os meios de navegação e assegurando a elevação do nível de vida dos europeus a tal ponto que no século XVI e, simultaneamente, os do Oeste, puderam aventurar-se no alto mar para descobrir as outras ilhas do arquipélago mundial enquanto que os do Leste, partiam, pelos grandes rios siberianos, para a conquista da parte norte oriental da ilha original.

Dêste duplo movimento resulta o aparecimento da geopolítica dos dois blocos antagônicos de hoje: os conquistadores do Leste conservaram a Eurásia; os do Oeste, tendo-se mantido na parte ocidental da península europeia, acorreram em grande número às outras ilhas e notadamente às das Américas.

Partindo da Europa, os conquistadores do Leste e do Oeste deviam fatalmente encontrar-se nos lugares opostos, isto é, na zona norte do Pacífico, onde a extremidade Nordeste da Ásia avizinha-se — geograficamente — da extremidade Noroeste da América.

Este encontro só teve lugar no início do último século, e parece que sua significação geopolítica profunda tenha então escapado aos contemporâneos. Hoje, as estatísticas do superpovoamento mundial fazem compreender que aquêlê acontecimento marcou o fim das possibilidades de expansão dêstes e daqueles, sôbre terras pouco povoadas por homens em estado primitivo, e, em consequência, resultou na criação de uma segunda frente terrestre — oposta à da Europa — entre as duas comunidades humanas, de nível técnico comparável.

A era da primazia aérea permitiu aos conquistadores dos dois continentes (América e Eurásia) lançarem-se para o norte e criarem entre si uma terceira frente aérea, através do Ártico. É o exemplo mais frisante do interesse geopolítico e geoestratégico por uma parte do mundo — até então desconhecida — pelo emprêgo de um novo meio técnico: o avião. Da mesma forma o navio transoceânico havia aberto os teatros oceânicos e de ultra-mar, desde o século XVI.